



## **FREUD, UM PENSADOR DA TÉCNICA: A PSICANÁLISE ENTRE HUMANISMO E FATALISMO**

**Eduardo Rotstein<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este artigo busca na psicanálise de Sigmund Freud contribuições teóricas ao debate acerca das novas tecnologias e seus impactos históricos. Freud desenvolveu uma série de reflexões sobre a técnica nos quadros de sua teoria da cultura e da psicogênese individual. É possível mostrar que tais reflexões perfazem um autêntico pensamento da técnica, cuja relevância se verifica não só no conjunto da psicanálise como também no contexto maior da questão da técnica, dominado desde o início do século XX até os dias de hoje pela polaridade entre humanismo e fatalismo. O esquema do aparato anímico, a problemática do mal-estar cultural e a interpretação do mito de Prometeu revelam uma dupla função da técnica em Freud, bem como os contornos originais de sua concepção psicogenética: Vista pelo lado da origem psíquica, isto é, a partir de um conflito inconsciente entre tendências básicas da alma, a técnica difere tanto de um instrumento humanista quanto de um processo fatídico.

**PALAVRAS-CHAVE:** psicanálise, técnica, mal-estar na cultura, filosofia da técnica, novas tecnologias.

**ABSTRACT:** This article seeks in the psychoanalysis of Sigmund Freud theoretical contributions to the debate about the new technologies and their historical impacts. Freud developed a series of reflections on technology in the frames of his theory of culture and individual psychogenesis. It is possible to show that these reflections represent an authentic thinking of technology, whose relevance is verified not only in the whole of psychoanalysis but also in the larger context of the question concerning technology, dominated from the beginning of the twentieth century until today by the polarity between humanism and fatalism. The scheme of the psychic apparatus, the problematic of cultural malaise, and the interpretation of the Promethean myth reveal a dual function technology in Freud's writings, as well as the original contours of his psychogenetic conception: Viewed from the side of his psychic origin, that is, from an unconscious conflict between basic soul tendencies, technology differs from both a humanist instrument and a fateful process.

**KEYWORDS:** psychoanalysis, technique, malaise in culture, philosophy of technology, new technologies.

---

<sup>1</sup> Pós-Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFRJ (bolsista PNPD/CAPES). Doutor em Teoria Psicanalítica pela UFRJ, com estadia acadêmica no instituto *Geschwister-Scholl* da Universidade de Munique (LMU).

Se no século XIX foi a máquina a vapor e no século XX a bomba atômica, hoje são clones e robôs que despertam a consciência do papel histórico da técnica e trazem-na ao centro do debate intelectual. Compreensivelmente, a atenção volta-se às *conseqüências* das novas tecnologias; afinal são inéditas as implicações que a manipulação genética e a inteligência artificial geram nos quadros tradicionais da vida humana, desde a ordem política e o agrupamento familiar até a configuração biológica da espécie<sup>2</sup>. O presente artigo busca na psicanálise de Sigmund Freud contribuições teóricas a esse debate. Freud desenvolve no curso de suas investigações psicogenéticas e culturais um autêntico pensamento da técnica, cuja relevância se mostra não só no conjunto da psicanálise como também no contexto maior da questão da técnica, dominado desde o início do século XX até os dias de hoje pela polaridade entre humanismo e fatalismo. O psicanalista supera a polaridade ao voltar-se menos ao *futuro* da técnica que à sua *origem*, isto é, à fonte anímica que a todo instante a impulsiona.

O primeiro objetivo é precisar qual a função da técnica no interior das investigações freudianas, isto é, relativamente à problemática específica que as anima. Não há dúvida de que a técnica foi, na forma do maquinismo e da grande indústria, um elemento predominante no contexto de fundação da psicanálise. O próprio Freud o indica quando evoca, na sua descrição do nervosismo moderno, o cenário da grande cidade e a movimentação frenética das massas (1908/1974, pp. 13-16), ou invoca o horror da Primeira Guerra, o morticínio sem precedente que as nações promotoras das Luzes cometeram por meio de suas “armas aperfeiçoadas” (1915a/1974, pp. 35-38). Mas esse elemento não poderia ser menosprezado como algo de meramente

---

<sup>2</sup> Também chamado “transumanismo”, o projeto de auto-superação do *homo sapiens* por via da técnica foi trazido ao centro do debate acadêmico brasileiro por Paula Sibília (2003), e desde então instiga uma discussão interdisciplinar preocupada com os impactos do progresso tecnológico.

circunstancial ao pensamento freudiano. Graças em muito à obra de Renato Mezan (1985), hoje é indiscutível a centralidade da questão da cultura em Freud, sobretudo o enorme peso que têm as instituições sociais na sua compreensão do acontecer psíquico e das perturbações da alma. Por sua vez, ainda pouco salientada até aqui é a enorme importância que o psicanalista atribui à técnica na sua teoria cultural. Segundo Freud (1930/1974), a técnica é parte essencial da cultura e está implicada, junto com as instituições sociais, no problema do mal-estar, do sofrimento causado pelos meios dos quais os homens esperam obter segurança e conforto. Nas páginas seguintes, ao revisarmos a obra do fundador da psicanálise, tornar-se-á clara a proeminência da técnica não somente na sua teoria da cultura, mas também na teoria psicogenética que a embasa<sup>3</sup>.

O segundo objetivo é situar o pensamento freudiano no quadro histórico da questão da técnica. Somente com os olhos nesse contexto têm-se os parâmetros para julgar do alcance e da originalidade das suas contribuições. O historiador Pierre-Maxime Schuhl (1955) mostra que a tomada de consciência da técnica como um fator histórico remonta ao século XVII, quando pensadores e eruditos pressentiram nas artes mecânicas um fator de melhoramento da humanidade. Eles aguardavam a construção de mecanismos que, mobilizando incansavelmente as forças da natureza, haveriam de ajudar os homens nas tarefas materiais da vida e assim liberá-los para ocupações dignas de sua condição. Alimentado por tal expectativa, surge nessa época um tipo de romance utópico no qual a técnica torna-se o pilar de um Estado perfeito. É o caso da *Nova Atlântida* de Francis Bacon (1627), sociedade liderada por indivíduos castos, dedicados integralmente à ciência e à inovação graças às facilidades proporcionadas por seus inventos. Tais utopias figuram apenas com exagero uma ideia que durante bom tempo afluiu às mentes letradas do Ocidente: O progresso técnico leva ao progresso espiritual; o progresso espiritual fomenta o progresso técnico.

Em meados do século XIX, quando a face do continente europeu já havia sido transfigurada pelas tão sonhadas máquinas, o pressentimento de que a sorte da humanidade dependia da técnica tornou-se, enfim, constatação. Mas dessa vez surgiam dúvidas quanto aos reais benefícios da facilitação material. As máquinas elevaram a um

---

<sup>3</sup> Nosso estudo sobre o lugar da técnica na *teoria* de Freud lança, evidentemente, uma série de interrogações sobre o estatuto do procedimento clínico da psicanálise, considerado por ele como uma técnica de tratamento (*Behandlungstechnik*). A questão da técnica analítica será tratada alhures.

nível inédito a quantidade de bens úteis, a uma taxa sem precedente o crescimento populacional; em contrapartida, deflagraram crises de desocupação e superprodução, forçaram a degradação do trabalho manual e incorporaram-se à paisagem como uma realidade evidente, uma espécie de segunda natureza, sem a qual a massa já não poderia manter-se viva. Nesse momento arrefece o otimismo do progresso reinante nos dois séculos anteriores. A técnica torna-se objeto de um sério questionamento.

Formam-se a partir de então dois tipos de posição. O primeiro foi inaugurado por filantropos que testemunharam de perto a revolução industrial no século XIX e cujos esforços teóricos atendiam à urgência em conter os males sociais do maquinismo (SCHUHL, 1955, pp. 60-90). Para o conde de Saint-Simon, Robert Owen e Étienne Cabet, o rumo do desenvolvimento técnico depende dos engenheiros que inventam as máquinas, e, acima deles, dos empreendedores e dirigentes que decidem sobre os destinos da produção. As mazelas da técnica são o resultado de condutas reprováveis e práticas injustas; são no fundo mazelas morais, como tais, passíveis de correção por meio de educação e reforma social. A esse posicionamento corresponde uma *concepção instrumental*. A técnica – abrangendo os procedimentos e os artefatos empregados na transformação premeditada da realidade – é tida por um meio neutro e destituído de substância própria. Tal como o órgão ao organismo, a técnica está submetida funcionalmente ao sujeito de quem faz parte, o qual em última instância responde por seus efeitos no mundo. Também chamada *humanista*, tal posição encerra uma aposta no homem, isto é, na sua capacidade de conduzir a técnica pelos ideais de justiça e harmonia ou, quando menos, em prol da segurança e o bem-estar da maioria.

A outra posição surgiu da crítica à civilização em curso na Alemanha desde o fim do século XIX. Seus expoentes pertencem a uma geração de leitores de Nietzsche que se engajou na Primeira Guerra, não raro na linha de frente, e em seguida viveu o período conturbado da República de Weimar (ROHKRÄMER, 1999). Eles reconhecem no progresso técnico a manifestação de uma força superior ao desígnio de inventores, empreendedores e mesmo às decisões de Estado. Para Oswald Spengler (1917), a técnica expressa uma necessidade de expansão e domínio profundamente enraizada na alma ocidental, para Ernst Jünger (1932) ela é o signo de um movimento planetário de mobilização da matéria. Ambos concordam, porém, em que a técnica seja um *processo* difuso e impessoal, dotado de dinâmica própria. Com efeito, seria ingenuidade continuar a encará-la como um instrumento humano, depois que o seu progresso tornou

factível a extinção da humanidade. A mobilização crescente da matéria através das máquinas implica a transformação incessante, portanto a destruição das formas existentes, como se vê na devastação causada pela grande indústria e a guerra moderna. Por sua vez, seria vão o esforço por uma condução humanizada da técnica, uma vez que o quadro institucional no qual se daria tal condução é perpassado por sua dinâmica autônoma e impessoal: Junto com a matéria são mobilizados os espíritos, transformados em “recursos humanos” e “força de trabalho” no interior de uma organização abrangente destinada a manter-se em movimento ótimo até o esgotamento das fontes. O progresso técnico é um processo inexorável de destruição que, segundo Spengler, levará à extinção do Ocidente ou, como prevê Jünger, levará a uma cesura na história mundial. Tal posicionamento é *fatalista*.

Humanismo e fatalismo são grupos de ideias que polarizam o debate da técnica e, sob os rótulos mais diversos, prefiguram os seus lugares comuns. Ou se recai no voluntarismo dos ativistas e homens de ação, que em geral superestimam o papel da força de vontade na definição dos acontecimentos, ou então no quietismo mórbido dos futurólogos, que se contentam em descrever uma catástrofe anunciada. Porém, existem correntes capazes de integrar os pólos do debate numa unidade superior. Uma delas é a ontologia de Martin Heidegger<sup>4</sup> do período pós-Segunda Guerra, outra – da qual trata este artigo – inspira-se na psicanálise de Sigmund Freud. Nossa hipótese diz que o psicanalista desenvolve uma concepção original da técnica pela adoção da perspectiva *psicogenética*. Vista pelo lado de sua gênese psíquica, isto é, a partir de um conflito entre tendências básicas da alma, a técnica surge como uma realidade substancialmente

---

<sup>4</sup> A interpretação heideggeriana da técnica faz-se a partir da crítica à “determinação antropológica e instrumental”, a qual serve de inspiração ao nosso estudo. A técnica é concebida corriqueiramente como um dispositivo (*Einrichtung*), *instrumentum*, reunindo tanto as coisas fabricadas (“meios para fins”), quanto sua fabricação e uso, e os fins a que servem (“fazer humano”). A concepção instrumental vale, para além de toda a sua correção, como uma espécie de testemunho da situação do homem perante a maquinaria moderna, marcada por uma tensão entre vontade de domínio e ameaça de descontrole. Como mostra Heidegger em sua interpretação, a essência da técnica perfaz, antes que os procedimentos e apetrechos inventados pelo homem, o próprio quadro de sentido no qual ele se encontra consigo e com o mundo; trata-se de um pressuposto fundamental, não decidido, que delimita a compreensão do real numa época. Isso se verifica com nitidez na técnica moderna e em seu poder de determinar a experiência básica do homem na Modernidade. Nessa nossa época, chamada também de “idade técnica”, o homem defronta com o conjunto dos entes como uma grande fonte de recurso, e consigo próprio como aquele que, por um lado, dispõe desse reservatório e, por outro, vive sob a ameaça de ser nele absorvido como um ente disponível. Como “envio de desencobrimento”, a técnica escapa seguramente ao controle humano, porém ainda assim não deve ser equiparada à “fatalidade de uma coerção”: Subsistem possibilidades alternativas, a todo tempo atualizáveis, de compreensão do real (para a relação entre destino e liberdade em Heidegger cf. *A questão da técnica* (1954), sobretudo p.23ff).

distinta seja de um fazer premeditado, seja de um processo fatídico. A técnica é uma atividade humana, mas nem por isso deixa-se manipular ao bel-prazer. Ela se origina de coerção, porém não representa um destino inescapável.

### **A Gênese da Técnica no Aparato Anímico**

A teoria freudiana da cultura é preparada por uma teoria do desenvolvimento psíquico que remonta aos inícios da psicanálise. Em suas investigações psicogenéticas, Freud descobre por vias diversas a relação entre o individual e o coletivo. Por um lado, tal relação surge sob a luz da interação causal; estudam-se os determinantes culturais do acontecer psíquico e, inversamente, os fatores psicológicos do acultramento. Por outro lado, propõem-se analogias pelas quais são aproximados, em alguns aspectos ou no todo, o desenvolvimento da psique individual e o devir histórico da humanidade. A oscilação entre explicação causal e analogia patenteia-se quando a teoria psicogenética volta-se, justamente, à atividade técnica. Freud procura as causas psicológicas dos desempenhos civilizados, porém serve-se ao mesmo tempo de noções retiradas a tal campo de atividade para descrever o acontecer psíquico. É o que ocorre no constructo nuclear da teoria freudiana, o esquema do aparato anímico (*seelischer Apparat*), baseado na analogia entre a psique e um artefato.

Desde a sua elaboração no *Projeto de uma psicologia* (1895), o esquema do aparato anímico foi evocado por Freud em praticamente todas as fases de sua teorização metapsicológica. Trata-se de um composto feito de unidades discretas (chamadas “neurônios” no projeto de 1895 e “representações” daí em diante) que recebem e convertem em movimento as excitações produzidas no contato com o mundo exterior e com o próprio corpo. Conforme a energia vital sofre inibições e desvios no interior do aparato, desenvolvem-se desempenhos mentais complexos, porém sem que desapareçam por inteiro as formas do funcionamento arcaico. Pondo-se de lado a questão da ambigüidade metodológica, veremos que, nesse esquema psicogenético, a técnica mostra características incompatíveis com a concepção instrumental e os pressupostos humanistas.

A tendência básica do aparato anímico é manter-se livre de excitação. O “princípio de inércia” patenteia-se no comportamento reflexo dos recém-nascidos, no qual cada aporte de excitação é prontamente descarregado por via motora. Os estímulos exógenos convertem-se em reflexo de fuga, os endógenos, chamados “necessidades do corpo”, provocam uma “alteração interna”, por exemplo, os espasmos do bebê

esfomeado (1900/1972, pp. 570). Porém, à diferença da excitação exógena, a endógena não pode ser anulada por meros reflexos, porque a fonte da qual provém acompanha permanentemente o aparato. A excitação endógena só diminui por meio de uma “ação específica”, uma “transformação no mundo externo” pela qual é apresentado algo apto a contentar a necessidade corporal. Desamparado, de início incapaz de obter por conta própria o objeto apaziguador, o aparato precisa da ajuda alheia, que, uma vez prestada, produzirá a primeira vivência de satisfação (1895/1987, p.410; 1900/1972, p.571). A partir de então, define-se toda atividade psíquica ulterior; a reprodução *daquele* objeto, da situação na qual se deu a satisfação original, torna-se uma condição necessária a toda satisfação futura. As excitações endógenas do aparato, as suas “pulsões”, transformam-se em “moção de desejo”: a busca por reproduzir aquela vivência originária (1895/1987, p.408; 1900/1972, p.571).

Quando, sob a pressão renovada da pulsão, o aparato entra em estado de desejo, ativam-se as reminiscências da vivência originária de satisfação ao ponto de reproduzi-las novamente na percepção. Mas o desejo não cessa com a reprodução alucinatória do passado. O desapontamento leva à substituição da via mais curta por um desvio seguro. A evocação do objeto faltante será inibida em intensidade, impedindo-o de reaparecer como percepção externa. O aparato tem agora o objeto somente como lembrança, e suporta o acúmulo desprazeroso da excitação endógena até ser apresentada, desde o exterior, uma imagem idêntica à lembrada. Somente com a percepção exterior tem-se o índice de realidade do objeto, e somente então se opera a descarga por via motora (FREUD, 1985/1987, p.421; 1900/1972, p.572).

A introdução do princípio de realidade marca o despertar do aparato para o mundo externo, onde se localizam as condições materiais da sua satisfação. Dessa modificação funcional derivam não só as habilidades sociais, voltadas à conquista da ajuda alheia, como também o interesse pelas coisas, isto é, por “representar as circunstâncias reais do mundo externo e empenhar-se pela real alteração” (1911/1972, p.231): Ao invés de simplesmente aguardar pelo objeto, o aparato engaja seus órgãos sensoriais numa sondagem periódica do ambiente, coligindo informações úteis no caso de recrudescimento do desejo (atenção). Ele se torna apto a reproduzir como imagem mental o que foi obtido no passado (memória), e a julgar do grau de concordância entre o lembrado e o percebido (pensamento). A motricidade, que na origem se resumia a reflexos de fuga ou espasmos aleatórios, transmuta-se numa ação decidida a modificar o

mundo exterior, de modo a reproduzir nele a situação desejada (1895/1987, pp.422-225; 1911/1972, pp.232-233). Esse último desempenho, descrito por Freud como “emprego da motilidade para fins previamente lembrados” (1900/1972, p.572), ou então “para a transformação útil da realidade” (1911/1972, p.233), possui inegáveis afinidades com aquela parcela da vida civilizada denominada “técnica” nos seus escritos culturais. Com ajuda do esquema psicogenético antecipamos alguns dos seus traços básicos:

*A origem pulsional:* O interesse por conhecer e transformar a realidade não significa ruptura com a exigência primária do aparato anímico. Estes desempenhos, assim como outros quesitos da vida aculturada, são impulsionados pela ânsia de reproduzir a vivência originária de satisfação, a mesma ânsia predominante na alucinação. A diferença reside não no fim, mas no caminho. Enquanto a alucinação apresenta o objeto de forma imediata, a atividade técnica intervém sobre as condições circunstanciais de sua reaparição. O sentido da técnica é eliminar a aleatoriedade das circunstâncias, que torna incerta a satisfação esperada. Ela é uma medida preventiva contra o sofrimento e, como tal, representa não a supressão, mas uma retificação da tendência primária à satisfação.

*Conflito e ambivalência:* A atividade técnica e a vinculação social são conquistas mantidas graças a um trabalho constante de inibições e desvios psíquicos que a todo tempo periga ser suprimido em prol do funcionamento primário. De fato, quando o adiamento exigido por aqueles desempenhos torna-se demasiado penoso, eles cedem lugar a modalidades antigas de satisfação, que – demonstra-o o sonho – jamais foram esquecidas. Um compromisso é encontrado amiúde com a satisfação neurótica, obtida à custa de uma alienação da realidade, mas nem por isso isenta dos desvios típicos da fantasia e do sintoma (FREUD, 1911/1972). Posteriormente, Freud tece uma analogia entre alguns bens culturais e os traços obsessivos de caráter, sugerindo que as exigências culturais promotoras da atividade técnica são as mesmas que, sob condições especiais, alimentam o conflito responsável pelo mal-estar do homem civilizado (1930/1974, p.227).

*Regressão e atemporalidade:* Peculiar é a relação da técnica com o tempo sob a ótica psicogenética. A transformação útil do mundo externo origina-se da ânsia por reaver o objeto com o qual findou pela primeira vez o estado de necessidade. Esse aspecto regressivo está aludido na supracitada descrição da técnica como o “emprego da motricidade para fins previamente lembrados”: Por mais que a técnica produza o



inédito, isso é tão somente um efeito secundário, não o objetivo de seu esforço, que é o de reproduzir o passado, *repeti-lo* no presente. A regressão pressupõe a atemporalidade (*Zeitlosigkeit*) dos processos inconscientes: Nada do que existiu na vida psíquica é jamais destruído. As formas antigas, supostamente esquecidas, ficam conservadas ao lado das tardias e tornam a aparecer em circunstâncias oportunas (FREUD, 1915b/1974, pp.145-146). A peculiaridade temporal do aparato anímico torna o seu curso comparável menos a uma linha ascendente que a um movimento circular. Enquanto base de analogia com a história, a psicogênese põe em questão as doutrinas do progresso, esclarecendo por que os bens civilizatórios se oferecem amiúde como via para tendências primitivas.

*O caráter processual:* O ponto de vista psicogenético revela que a capacidade de transformar a realidade exterior depende de transformações prévias no psiquismo. Curiosamente, Freud as chama “técnicas”. Assim é designado, por exemplo, o adiamento da descarga motora durante a rememoração do objeto satisfatório (1925/1972, p.14), bem como algumas variantes do recalçamento (1926/1972, p.149). Ocorre que, em tais expressões, “técnica” ganha um sentido distinto do assumido na concepção instrumental, em que se refere a um meio manipulável segundo as intenções de um agente. As “técnicas psíquicas” desdobram-se, antes, como um *processo* inconsciente. Veremos adiante como a oscilação semântica entre o instrumento e o processo é decisiva na interpretação freudiana da cultura.

O esquema do aparato anímico revela, enfim, que o sentido da atividade técnica é a proteção contra o sofrimento imposto pelas circunstâncias, contra a penosa incerteza em relação ao curso desejado dos eventos. Assim como os demais desempenhos surgidos com a introdução do princípio de realidade, a atividade técnica jamais se descola da tarefa primordial de satisfação da pulsão, ainda que a persiga indiretamente através da intervenção sobre as condições externas. Ela se nutre de um trabalho constante de inibições e desvios, e suscita uma dinâmica conflituosa em meio à qual ressurgem as formas arcaicas do funcionamento psíquico. A seguir examinamos como as lições tiradas do esquema psicogenético são aplicadas à interpretação dos fatos culturais.

### **Técnica e Regulação Social: Cultura como Instrumento de Prevenção do Sofrimento**

No capítulo segundo de *O mal-estar na cultura* (1930), Freud discorre sobre as “técnicas de vida” (*Lebensstechniken*), os diferentes caminhos recomendados aos

homens para a atingirem um estado duradouro de prazer, ou seja, a felicidade. Porém, como as fontes de desprazer são muitas (a natureza com suas forças ameaçadoras, o corpo com suas renovadas necessidades e, por fim, os constrangimentos inerentes ao convívio social) converte-se a busca por felicidade, não raro, na meta negativa de se evitar o desprazer. A despeito dos incontornáveis obstáculos, uma dentre as vias aventadas parece ser a mais recomendável: “Como membro da comunidade humana, e com auxílio da técnica orientada pela ciência, passar para o ataque à natureza e sujeitá-la à vontade humana” (1930/1974, p.209, tradução nossa). É compreensível que o caminho apontado prevaleça sobre os demais mencionados na seqüência do segundo capítulo, os quais dependem em algum grau ou da técnica ou da comunidade humana. A tentativa de influenciar o corpo de modo a estimular sensações prazerosas, ou tornar insensível a estímulos desagradáveis, faz recurso à manipulação farmacêutica. A “técnica do amor”, na medida em que espera a felicidade do vínculo emocional com o próximo, exige obviamente a inserção na sociedade. É notável, porém, que na receita de vida mais recomendável haja uma conjugação nada óbvia entre técnica e socialização e, sobretudo, intriga o fato de que justamente tais elementos figurem como eventuais fontes de infelicidade. Freud fala amiúde de uma “hostilidade à cultura” (*Kulturfeindlichkeit*) devida às exigências do trabalho e da convivência (1927/1974, pp. 144-147; 1930/1974, pp.217-218, 226).

A ambivalência ante a cultura suscita uma das principais questões perseguidas por Freud no período de sua maturidade intelectual: Por que se converte em fonte de sofrimento para o homem aquilo que ele próprio teria criado para o seu benefício? Nos ditos “escritos culturais”, onde essa questão é inevitavelmente abordada, encontram-se não por acaso extensas passagens sobre a técnica e as instituições sociais. Ambas representam o triunfo do homem sobre a natureza e a vida instintiva, porém são para ele ao mesmo tempo um fardo e convertem-se por vezes em ameaça; esses produtos ambíguos saídos de sua inteligência são o índice de uma divisão psíquica. Das duas, a regulação social é a mais destacada na interpretação freudiana do mal-estar cultural, contudo jamais lhe passa despercebida o estreito vínculo que une o componente institucional à atividade técnica.

Quando se examina o emprego corrente da palavra “cultura” – a qual Freud recusa-se expressamente a distinguir de “civilização”<sup>5</sup> (1927/1974, p.140) – descobrem-se dois elementos. Cultura, “tudo aquilo em que a vida humana elevou-se de suas condições animais e distingue-se dos animais”, abrange primeiramente “todo o saber e poder que o homem adquiriu para controlar as forças da natureza e extrair sua riqueza para a satisfação das necessidades humanas” (1927/1974, pp.139-140, tradução nossa). Cultura abarca “todas as atividades e valores que são úteis ao homem por lhe tornarem a terra proveitosa, protegê-lo contra a violência das forças naturais e coisas semelhantes” (1930/1974, pp. 220-221, tradução nossa). Os primeiros feitos culturais foram o uso de ferramentas, o amansamento do fogo e a construção de habitações (1930/1974, p.221).

Além disso, à cultura pertence a regulação das relações sociais, “que dizem respeito ao homem como um vizinho, como força auxiliar, como objeto sexual de outrem, como membro de uma família e de um Estado” (1930/1974, p.225, tradução nossa). Esse aspecto da civilização foi inaugurado com a tentativa de proteger as relações inter-humanas contra o arbítrio do mais forte, capaz de decidir por todos em benefício próprio: A comunidade estabeleceu uma punição à satisfação individual dos impulsos ao custo da submissão de todos os seus membros à norma proibitiva (1930/1974, pp.225-226).

Técnica e instituição, os dois ramos básicos da cultura possuem uma vinculação íntima, manifestada primeiramente como interdependência. A convivência entre os homens é influenciada pela quota de satisfação permitida pelos bens úteis disponíveis. Escassez e abundância contribuem, respectivamente, ao agravamento e à distensão das relações sociais; por isso, grande parte do esforço de regulação visa a assegurar a distribuição dos bens e a proteger tudo o que serve à produção e à conquista da natureza (Freud, 1927/1974, p.140). Nota-se também a influência decisiva da atividade técnica sobre importantes transformações institucionais registradas na história: Os primeiros agrupamentos familiares teriam decorrido do reconhecimento, por parte dos primitivos, da função do trabalho para a sobrevivência (1930/1974, pp.229). Ademais, “dominação

---

<sup>5</sup> Provável alusão de Freud a Oswald Spengler, o qual em sua influente obra *A decadência do Ocidente* (1917) distingue civilização e cultura. Cultura é a expressão de uma alma que se manifesta nas suas realizações e obras, que se aliena gradualmente da vida, e finalmente paralisa e morre. Em comparação com o estágio precedente da cultura, que está orientado para o “qualitativo”, para o aprofundamento de valores espirituais, a civilização volta-se para fora e procura aumentar em todos os domínios o seu poder material (1917/1923, pp.43).

progressiva da natureza”, ao pôr à disposição dos homens novos “meios de poder”, promoveu uma transformação irreversível de suas “relações sociais”. “A introdução do metal, do bronze, do ferro pôs fim a épocas inteiras da cultura e a suas instituições” (1933a/1974, p.604, tradução nossa).

A intimidade entre técnica e instituição também se manifesta na comunidade de suas metas. Com o domínio sobre a natureza buscam os homens precaverem-se de intempéries, ao passo que, sob regulamentos sociais, querem-se resguardados da violência de seus semelhantes. Freud afirma que, como for que determinemos o conceito de cultura, esta sempre incluirá “tudo com o que tentamos nos proteger da ameaça vinda das fontes de sofrimento” (1930/1974, p.217, tradução nossa). Os traços da civilização são como partes de um só todo, de um esforço único dirigido à prevenção de sofrimento (*Leidverhütung*). Essa coesão dos componentes civilizatórios é sugerida, aliás, pelo substantivo *Einrichtung*, significando tanto instituição quanto o conjunto de móveis e equipamentos num espaço habitável. Os apetrechos, se bem instalados, tornam o ambiente mais previsível e seguro; do mesmo modo, os regulamentos sociais, se respeitados pela maioria, diminuem a margem de inesperado na interação social. A eficácia técnica acha seu paralelo no ordenamento institucional da vida, que poupa os homens de “hesitação e indecisão”, permite “o melhor aproveitamento de tempo e espaço” e resguarda “suas forças psíquicas” (1930/1974, p.224).

Pela análise precedente, dever-se-ia concluir que a técnica seja um meio servindo aos interesses humanos de bem-estar e segurança, e compondo, junto com as instituições sociais, como que um instrumento único de prevenção do sofrimento chamado “cultura”? Seria a cultura equiparável a uma “técnica de vida”, e seria esta, acaso, “a mais recomendável” de todas?

### **A Gênese Técnica do Mal-Estar: Cultura como Domesticação Humana**

Freud confronta reiteradas vezes sua concepção instrumental da técnica e das instituições sociais com o fato desabonador da hostilidade à cultura, cuja explicação o obriga a rever o seu ponto de partida. Em relação à técnica, nota-se o quão sobejamente ela frustra a expectativa de segurança e bem-estar de seus criadores. De fato, o domínio sobre tempo e espaço, a subjugação das forças naturais não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que o homem poderia esperar da vida. Essa espécie de “deus protético” (*Prothesengott*), apesar da proximidade ao ideal de onipotência personificado em suas divindades, apesar de toda “semelhança a Deus” (*Gottähnlichkeit*), não se sente

feliz (1930/1974, pp.222). Em primeiro lugar, a técnica contraria a nossa inclinação natural à inércia, pois é uma atividade custosa e intelectualmente exigente (1927/1974, p.141). Além disso, ela jamais será poderosa o suficiente para garantir o domínio completo da natureza; o organismo humano, que é parte desta, permanece uma estrutura passageira, de limitada capacidade adaptativa e realizadora (1930/1974, p.217). Por fim, a técnica gera problemas inéditos e imprevistos, cuja solução solicita renovados esforços de invenção. Tem-se a impressão de que ela proporciona tão somente a satisfação de necessidades geradas artificialmente, como a “diversão barata” do personagem da anedota, o qual em noites de inverno punha a perna nua fora do cobertor só para recolhê-la em seguida (1930/1974, p.219).

Mas tão pouco aceitáveis quanto as carências geradas por artifício são os constrangimentos do convívio civilizado. Muito do que foi instituído para disciplinar as relações sociais não tem nenhuma utilidade aparente, como as exigências de asseio e beleza, ou os ideais acerca dos indivíduos, dos povos e da humanidade. Há uma quantia infundável de normas impondo pesadas restrições, sem que sua obediência proporcione uma compensação proporcional à satisfação renunciada ou sequer garanta qualquer uma. As instituições assomam como medidas coercitivas, proibições excessivas ou pálidas compensações, que em vez de felicidade promovem infelicidade (FREUD, 1930/1974, pp.224-227).

Nos seus primeiros escritos culturais, Freud destacava a alta incidência de neurose entre as nações marcadas pelo progresso técnico e uma regulação social avançada. Muitos indivíduos despendem boa parcela de seus esforços na inibição de impulsos incompatíveis com as exigências do convívio civilizado, impulsos que em sua indestrutibilidade acabam por achar vias substitutas de satisfação. Dentre elas desponta uma via não menos censurável que a originalmente buscada, a neurose, cuja sintomatologia consiste de pensamentos e atos que irrompem contra a vontade de seu agente e são prejudiciais à condução diária da vida. O neurótico não se compraz nem com a vazão bruta dos impulsos nem com os desvios patológicos, e o desgaste gerado com seus conflitos intestinos termina por alijá-lo de atividades culturais das quais ainda poderia obter alguma compensação pela renúncia feita (1908/1974, pp.21-24).

Nos escritos culturais da maturidade, as perturbações da alma tornam-se, além de um índice da deficiência das instituições, uma chave para a compreensão da civilização na sua totalidade. Freud constata a semelhança entre exigências sociais sem

utilidade, como asseio e beleza, e os traços obsessivos de caráter. Isso dá o ensejo à conhecida analogia entre a história da humanidade e a psicogênese do indivíduo. Assim como as formas anímicas da vida adulta, os bens da civilização resultam de uma restrição a tendências elementares da alma; são formações mais ou menos estáveis, posições provisórias em meio a um conflito feito de inibição, recalçamento e desvios psíquicos. O devir da civilização é, tão pouco quanto o acontecer psíquico, um caminho pré-assinalado rumo à perfeição. Trata-se, antes, de um “processo” caracterizado pelas “transformações que ele empreende sobre as conhecidas disposições pulsionais humanas” (1930/1974, pp.226-227, tradução nossa).

Da perspectiva psicogenética são reveladas as custosas transformações psíquicas a que os bens civilizatórios devem a sua aquisição e manutenção. Para que subjuguem a natureza e normatizem o espaço social, os homens devem tornar-se dóceis e diligentes; devem submeter-se, eles próprios, a constrangimentos que incidem sobre suas disposições originárias, fazendo-os suportar a abstinência com a promessa, se não de um prazer duradouro, ao menos de um estado livre de desprazer. Freud enxerga no devir civilizatório algo similar à modelagem do comportamento animal, a procedimentos tais como os usados para forçar os cães a deitarem suas fezes sobre folhas de jornal. Na sua correspondência com Einstein, escreve:

Desde tempos inconcebíveis estende-se sobre o conjunto de homens o processo de desenvolvimento cultural [...] A esse processo devemos o melhor do que nos tornamos e uma boa parcela daquilo de que sofremos. Suas causas e seus começos são obscuros, seu desenlace incerto, alguns de seus caracteres facilmente perceptíveis [...] *Talvez este processo seja comparável à domesticação de certas espécies animais [...]* (1933b/1974, p.285, grifo nosso, tradução nossa).

A cultura é um ser de dupla face. No anverso são exibidos os seus feitos grandiosos, o crescente domínio sobre a matéria e sobre a massa populacional; no reverso dá-se o embate entre tendências básicas da alma, uma espécie de *domesticação humana*. Freud está convencido de que nesse processo intra-psíquico reside a fonte tanto das proezas quanto das mazelas da civilização. A domesticação humana, por mais que traga ganhos materiais, nunca chega a bom termo porque o animal a ser domado traz na alma algo de indestrutível, um “pedaço da natureza imbatível” (1930/1974, p.217, tradução nossa). Compreende-se assim a alta incidência da neurose nas sociedades que levaram ao extremo a luta civilizatória. Também assim são trazidos à luz

acontecimentos historicamente relevantes, os quais ocupam o pano de fundo da teoria freudiana da cultura. Os impulsos combatidos tenazmente em prol do melhoramento da humanidade tornam-se monstruosamente destrutivos quando, ao seu extravasamento inevitável, confluem os meios advindos do progresso. Nenhuma guerra do passado equipara-se em horror à guerra moderna.

Nota-se, enfim, a importância da técnica na investigação que leva ao cerne do mal-estar. A técnica figura, primeiramente, como *parte* da cultura. Ela possibilita o domínio humano sobre a natureza e, ao determinar a produção dos bens materiais, configura boa parte do quadro institucional onde se travam as relações civilizadas. Paralelamente, a técnica assume uma função hermenêutica, servindo como *base de compreensão* da cultura. Trata-se de um pressuposto vago, mas inspirando as analogias fundamentais da teoria freudiana: primeiramente, a analogia dos componentes da cultura com um instrumento de proteção, dito “a técnica de vida mais recomendável”, e em seguida a do processo civilizatório com a domesticação dos animais. Mas cabe perguntar, agora, se a domesticação civilizatória é realmente uma técnica. Repousaria toda a cultura num procedimento psicológico de auto-contrição? Teria o mal-estar, afinal, uma tecnogênese?

### **A Retenção de Prometeu: o Herói Trágico da Cultura.**

A técnica recebe um lugar destacado n’*A aquisição do fogo* (1932), um texto breve no qual Freud procura endossar a sua teoria cultural com base na psicanálise do mito de Prometeu. É notável, primeiramente, que nesse texto se eleja para o representante maior da cultura – o seu “herói” (*Kulturheros*) – não uma divindade instauradora da ordem cósmica e jurídica, como Zeus, mas o titã portador do fogo, símbolo da inteligência criadora. Ademais, aí fica claro como a técnica é não só um tema privilegiado, como também um pressuposto fundamental da teoria freudiana da cultura. Sua tese é a de que a conquista do fogo – um passo decisivo para o domínio da natureza e a sobrevivência da comunidade – foi responsável por uma das primeiras experiências de desagrado dos seres humanos com os seus desempenhos superiores. É que eles só teriam sido capazes de ganhar para si a benéfica chama ao renunciarem ao prazer de extingui-la a jatos de urina. Tal contrição, que estaria na origem da vida cultural, é comparada ao procedimento de domesticação dos animais.

A versão hesiódica do mito recebe um tratamento semelhante ao sonho numa análise: os elementos da narrativa, a exemplo dos oníricos manifestos, teriam sido

produzidos através da simbolização e a distorção de elementos latentes, os quais reportariam algo de factualmente verdadeiro sobre a conquista do fogo num passado remoto. Esse evento inaugural é reconstruído a partir de três elementos: o modo como Prometeu transporta o fogo, o caráter do seu ato e o sentido de sua punição.

O titã traz o fogo abrigado num funcho oco, cuja ocorrência em qualquer sonho se deixaria interpretar como símbolo do pênis. A associação é reforçada pela função que o funcho desempenha no mito, precisamente inversa à do canal uretral. Enquanto este contribui à extinção do fogo, aquela a previne (1932/1974, p.450). Em segundo lugar, aquisição do fogo possui no mito grego – como de resto nas demais lendas correlatas – o caráter de um sacrilégio; ela decorre de um crime perpetrado contra os deuses. Sabidamente, a mitologia concede às divindades a satisfação de desejos que são vedados ao reles mortal. Os deuses simbolizam a vida pulsional, e a fraude contra os deuses, o prejuízo sofrido pelas pulsões por causa daquele ato de continência (1932/1974, p.450). Por fim, como castigo à trapaça, Prometeu é fundido a um rochedo e tem seu fígado dia a dia devorado por um abutre. O fígado vale, entre os antigos, como a sede de paixões e desejos; a sua devoração no mito simboliza o sacrifício exigido às pulsões para a conquista do fogo (1932/1974, p.451).

Na punição a Prometeu mostra-se também a precariedade da domesticação civilizatória. A associação entre o calor do fogo e o ardor das paixões, e por sua vez a associação destas com o fígado, leva a aproximar a consumação e a regeneração diárias desse órgão à infatigabilidade dos desejos amorosos. A figura aquilina, que no mito devora o fígado de Prometeu, está associada ao pênis em lendas, sonhos, no uso comum da língua e nas representações plásticas da Antiguidade; a mítica Fênix, que renasce das cinzas após cada incineração, alude não apenas ao sol, em seu ciclo incansável de aurora e crepúsculo, como também ao falo, que cedo ou tarde ressuscita após cada amolecimento. Assim, na regeneração do fígado de Prometeu tem-se a segunda parte da reação do homem primitivo à renúncia pulsional. Após ter castigado o herói com sua degradação hepática, proporciona-se agora um consolo para a sua retenção sacrílega, certificando-se de que esta não alterou a fundo o estado de coisas: As pulsões persistem (1932/1974, pp.452-453).

O mito de Prometeu remete ao momento no qual o homem decidiu trocar o prazer momentâneo pelo conforto futuro, após constatar quão irrisória era a satisfação em urinar sobre o fogo em comparação com o desfrute do alimento cozido ou o



aquecimento na noite fria. Mas seria enganoso ver nessa auto-contrição uma atividade premeditada, um cálculo realizado com a consciência prévia dos resultados a serem obtidos. A analogia freudiana entre a operação psicológica fundadora da civilização e o procedimento de domesticação só terá algum valor cognitivo, se a noção de técnica aí implicada for liberada do instrumentalismo. Freud descreve a domesticação em causa como um *processo*, quer dizer, não algo que o homem *faça*, mas algo que lhe *acontece*. À diferença da domesticação animal, a humana ocorre sem um agente assinalável. É impossível que o homem seja o domador de si próprio – ao mesmo tempo o sujeito e objeto da domesticação – porque um sujeito suficientemente distinto de objetos, capaz de intervir sobre o mundo segundo fins preestabelecidos, é antes o resultado de tal operação psíquica. Que, além de forçoso, o processo de domesticação humana seja reversível e marcado pela ambivalência, isso está aludido no caráter cíclico das penas de Prometeu.

#### **Considerações Finais: A Psicanálise entre Humanismo e Fatalismo**

A técnica cumpre no pensamento de Sigmund Freud tanto a função de *tema* quanto a de *pressuposto*. No primeiro caso, refere-se à atividade de transformação da realidade com o fim de prevenção do sofrimento. Se, no plano do desenvolvimento individual, a sua aquisição é sinal de amadurecimento psíquico, da conformação da ânsia por satisfação a condições do mundo externo, no plano geral da história ela representa um lance decisivo para a emancipação do gênero humano da animalidade. Enquanto parte essencial da cultura, a técnica está implicada na problemática do mal-estar, que gira em torno da ambivalência dos homens perante suas próprias aquisições superiores. É verdade que o mal-estar transparece na relação com o componente institucional, no entanto o fator técnico não é de modo algum desprezível. Como vimos, a técnica é uma atividade custosa, que não só é incapaz de suspender as limitações biológicas da espécie, como também é geradora de carências inéditas. Além disso, ela força o constante estabelecimento de normas para regular o acesso aos bens produzidos no rastro de seu progresso. A técnica é um fator determinante da organização social e, enquanto tal, ingrediente básico do descontentamento ante as instituições da vida civilizada. Freud jamais ignorou o fato, de resto bem visível nas modernas sociedades de massa, de que o domínio crescente sobre a natureza se acompanha da burocratização da vida, da proliferação de normas já despidas de sentido ou utilidade. A esse respeito, é revelador que o psicanalista tenha escolhido para representante da cultura – símbolo

maior de sua grandeza e miséria – não uma divindade instauradora do direito, mas o titã que doou à humanidade a centelha da criatividade.

Paralelamente, Freud vale-se de pressupostos na descrição do acontecer psíquico e cultural que remetem a noções pertencentes ao campo técnico. Convém não exagerar o valor dessas analogias, mas também seria enganador tratá-las como exercícios estéreis de linguagem figurada, ignorando as conseqüências que tem o seu uso sobre a compreensão da realidade investigada. Quando a psique é posta no esquema do aparato, fenômenos tidos por intencionais transfiguram-se num processo impessoal; por sua vez, a ideia de domesticação civilizatória evoca a imagem de uma atividade premeditada, quando se trata de um movimento milenar através das gerações. Freud atenua os limites tradicionais entre atividade e processo, voluntário e involuntário, consciente e inconsciente etc.; ele promove a interpenetração de campos semânticos opostos, preparando uma solução à questão do mal-estar cuja originalidade lhe assegura um lugar entre os pensadores da técnica.

Verifica-se primeiro um afastamento em relação à concepção instrumental de técnica e aos pressupostos humanistas. A suposição inicial de que a técnica, e mesmo a totalidade da cultura, seja um meio com o qual os homens se proporcionam segurança e bem-estar é contraposta ao fato da hostilidade à civilização, e então rejeitada em troca de uma visão menos otimista das coisas. As realizações materiais da cultura dependem de transformações prévias na alma humana, pelas quais esta se torna apta ao trabalho e ao convívio social. Atrás do palco onde se exibem os triunfos sobre a natureza exterior, opera-se a subjugação da “natureza psíquica”, um “processo comparável à domesticação”. Relegamos ao plano das disputas terminológicas a questão de saber em que medida seria lícito considerar a domesticação *sui generis* do homem pelo homem como uma técnica e, por conseguinte, se a cultura e o mal-estar em seu interior teriam uma *tecnogênese*. Pois está claro que por tais expressões visam-se processos psíquicos situados aquém do limiar da consciência individual. A atividade técnica assenta em condições psíquicas que escapam à alçada da deliberação e decisão. Contrariamente à expectativa humanista, o curso de seu desenvolvimento é, no cerne, indiferente a apelos morais ou a cálculos utilitários.

Ao despedir-se do instrumentalismo humanista, não recairia Freud no outro pólo do debate? Seria fatalista a concepção psicogenética da técnica? Visto que o fatalismo enxerga na técnica uma força inapelável a determinar o curso decadente de uma cultura

ou de uma era, então a resposta é negativa. Freud reconhece, decerto, o caráter forçoso do processo civilizatório, o fato paradoxal de que o esforço por libertar-se das amarras da natureza e da animalidade seja, ele próprio, fruto não de livre escolha, mas *coerção*. Porém, a obrigatoriedade do acultramento não implica a de formas culturais específicas, como o maquinismo ou sociedade de massa, tampouco leva a concluir por seu desfecho catastrófico. Também é verdadeiro que Freud rejeitara as doutrinas do progresso, ao tomar por modelo de compreensão da história a psicogênese individual, marcada pela periódica repetição das formas arcaicas. Contudo, a comum rejeição ao otimismo do progresso e a comum admissão de uma concepção cíclica do tempo não bastam para fazer do psicanalista um fatalista. É que falta ao psicanalista a certeza quanto ao futuro.

A perspectiva freudiana traduz-se num posicionamento avesso a grandes sínteses históricas, situado a meio caminho entre um voluntarismo assaz confiante na iniciativa humana e um quietismo indiferente à catástrofe:

Quando, com razão, objetamos ao nosso atual estado da cultura quão insuficientemente ele preenche as nossas exigências de uma vida contente, quanto sofrimento, provavelmente evitável, ele deixa vigorar; quando nos empenhamos em expor as raízes de sua imperfeição com crítica impiedosa, exercemos certamente o nosso devido direito e não nos mostramos como inimigos da cultura. É-nos lícito esperar implementar paulatinamente os ajustes de nossa cultura que mais bem satisfazem nossas necessidades e escapam àquela crítica. Mas talvez nós tenhamos de nos acostumar também com a ideia de que há dificuldades atreladas à essência da cultura, as quais não cederão diante de nenhuma tentativa de reforma (FREUD, 1930/1974, p.224, tradução nossa).

Tal posição, que chamamos *humanismo resignado* ou *fatalismo responsável*, condiz com a ênfase na gênese psíquica dos feitos culturais. Vistos à menor escala, os movimentos materiais da cultura, os avanços assombrosos da técnica, revelam-se como derivativos de uma divisão anímica, de um conflito entre tendências destrutivas e construtivas, entre satisfação imediata e segura. O que, no nível histórico, aparece como dinâmica impessoal e autônoma, surge, no psíquico, sob o aspecto de um *dilema*. Assim, a questão do destino da cultura converte-se na questão dos *destinos* da pulsão, cuja forma plural conota uma margem de liberdade no interior do fatídico. A síntese desses elementos aparentemente contrários não poderia ser tratada nas poucas linhas restantes. Contentamo-nos em mencionar o fato de que a convicção no determinismo da

vida mental sempre conviveu, em Freud, com a crença no poder terapêutico da psicanálise. Num estudo complementar convém abordar o pensador da técnica pelo viés da técnica especial que ele criou e tomou para reflexão.

### Referências

- Bacon, F. Nova Atlântida. Trad. J. Andrade. In: *Os pensadores*, v. 13, pp. 239-278. São Paulo: Abril, 1973/1967.
- Freud, S. Entwurf einer Psychologie. In: *GW*, Nachtragsbd., pp.387-480. Frankfurt: Fischer, 1895/1987.
- Freud, S. Die Traumdeutung. In: *GW*, v.2-3, pp.2-642. Frankfurt: Fischer, 1900/1972.
- Freud, S. Die „kulturelle“ Sexualmoral und die moderne Nervosität. In: *Die Freud-Studienausgabe*, v.9, pp.13-32. Frankfurt: Fischer, 1908/1974.
- Freud, S. Zeitgemäßes über Krieg und Tod. In: *Freud-Studienausgabe*, v. 9, pp.35-60. Frankfurt: Fischer, 1915a/1974.
- Freud, S. Das Unbewußte. In: *Freud-Studienausgabe*, v.3, pp.125-173. Frankfurt: Fischer, 1915b/1974.
- Freud, S. Die Verneinung. In: *GW*, v.14, pp.11-15. Frankfurt: Fischer, 1925/1972.
- Freud, S. Die Zukunft einer Illusion. In: *Freud-Studienausgabe*, v.9, pp.139-190. Frankfurt: Fischer, 1927/1974.
- Freud, S. Das Unbehagen in der Kultur. In: *Freud-Studienausgabe*, v.9, pp.197-270. Frankfurt: Fischer, 1930/1974.
- Freud, S. Zur Gewinnung des Feuers. In: *Freud-Studienausgabe*, v.9, pp.449-454. Frankfurt: Fischer, 1932/1974.
- Freud, S. Über eine Weltanschauung. In: *GW*, v.15, pp.170-197. Frankfurt: Fischer, 1933a/1972.
- Freud, S. Warum Krieg? In: *Freud-Studienausgabe*, v.9, pp.275-286. Frankfurt: Fischer, 1933b/1974.
- Heidegger, M. Die Frage nach der Technik. In: *Die Technik und die Kehre*, pp.5-36. Stuttgart: Klett-Kotta, 1954/1962.
- Jünger, E. *Der Arbeiter: Herrschaft und Gestalt*. Stuttgart: Klett-Kotta, 1932/1982.
- Mezan, R. *Freud, pensador da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1985
- Rohkrämer, T. *Eine andere Moderne?*. Paderborn: Schöningh, 1999.
- Schuhl, P-M. *Maquinismo y filosofía*. Trad. H. Crespo. Buenos Aires: Galatea, 1955.

Sibilia, P. *O homem pós-orgânico*. Rio de Janeiro: Relume-dumará, 2002.

Spengler, O. *Der Untergang des Abendlandes*. München: C.H. Beck, 1917/1963.